

Lima Barreto e a questão agrária na Primeira República

Michele Costa Rodrigues¹

Esta pesquisa pretende investigar o posicionamento político-intelectual de Lima Barreto sobre a questão agrária e a construção da nacionalidade brasileira na Primeira República. Assim como identificar a crítica efetuada pelo literato acerca das políticas higienistas destinadas ao homem do campo e ao estereótipo construído pelos intelectuais a respeito do sertanejo

As primeiras décadas do regime Republicano foram marcadas por uma tentativa de elaboração de uma teoria geral para o Brasil, apoiada na idéia de dois “Brasis” (o litoral x sertão). Isso ocorre ao mesmo tempo da formação de uma intelligentsia no país, que buscavam por um ideal de integração nacional.

Nesse sentido, Lima Barreto como contemporâneo desses intelectuais, faz críticas a essa intelligentsia em formação, ao ressaltar a sua falta de originalidade importando teorias estrangeiras, e conseqüentemente as interpretações dos mesmos em relação à sociedade.

É nesse contexto que o posicionamento do escritor Lima Barreto deve ser situado. Em sua produção intelectual Barreto se contrapõe ao projeto nacionalista em moda ao colocar sua escrita a serviço da crítica a tal proposta. Nesse aspecto, seus escritos configuram-se como a voz dos excluídos, uma vez que além de opor-se ao discurso dominante, tem ainda como característica o fato do autor não fazer parte dos círculos intelectuais em voga à época.

A produção intelectual barretiana apresenta-se como uma importante fonte de contribuição para historiografia brasileira, pois expõe aspectos relevantes da nossa história republicana e nos coloca diante da posição de um personagem ausente dos círculos de poder do período.

De acordo com Sevcenko Lima Barreto tem uma aspiração de revelar a realidade em seus textos. Afirmando que: “Os conteúdos temáticos eram, portanto nobilitados pelos recursos de linguagem e está modelada pela realidade que veicula, (...). Daí a força de penetração e impacto perfeitamente

¹ Graduanda do Curso de História da UESC

calculada de seus textos, ajustando de forma notável ao papel crítico e atuante e inconformista a que o autor os destinava” (Servcenko,1995).

Essa investigação priorizará os conteúdos das crônicas de Lima Barreto publicadas nos jornais do Rio de Janeiro tais como correspondências recebidas e enviadas, em que Barreto dialogava com os amigos intelectuais sobre os diversos temas do período, registros memorialísticos, a destacar a busca da identidade tendo o campo como foco. Todas essas fontes encontram-se acessíveis ao pesquisador, uma vez que estão reunidas numa publicação organizada pelo biógrafo de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa, e reunidas em 17 volumes. Constam ainda edições críticas das publicações do escritor.

Para essa comunicação escolhi uma crônica de Lima Barreto “As aventuras de doutor Bogoloff” publicada em 1912 pela *Gazeta da Tarde*, jornal do Rio de Janeiro. Optei por analisar o primeiro capítulo “Fiz-me então diretor da pecuária nacional”, em que é possível perceber críticas à política agrária, aos políticos representantes da administração do Brasil. A crônica denuncia ainda a crença cega na ciência, a valorização do estrangeiro e conseqüentemente das teorias estrangeiras.

A crônica apresenta-se importante para a compreensão do posicionamento político-intelectual de Lima Barreto no que diz respeito aos políticos brasileiros e suas atuações na administração do país. Ela estabelece um diálogo importante com minha proposta de pesquisa, qual seja investigar o posicionamento político-intelectual de Lima Barreto sobre a questão agrária e a construção da nacionalidade brasileira na Primeira República.

Contarei um pouco da história da crônica para melhor entendimento: Dr. Bogoloff é um russo formado pela faculdade de línguas orientais que durante sua permanência na Rússia viveu uma vida de miséria. Seu pai era dono de uma loja de livros que para Bogoloff mostrou-lhe uma vida de encantos que lhe tirou os pés da realidade.

Na caracterização do personagem russo, Barreto construiu a figura de um homem sem ação, sonhador e ao mesmo tempo incapaz de realizar seus sonhos. Bogoloff envolveu-se por acaso com anarquistas e foi preso. Essa passagem na polícia deixou a sua vida na terra natal ainda mais difícil.

Nesse período, a maioria dos imigrantes que chegavam ao Brasil era encaminhada para as colônias e nelas recebiam concessões de terras e ferramentas para cultivá-las. Então Bogoloff foi conduzido para uma colônia que era habitada por famílias russas e polacas. Na colônia ele estreita relações com um interprete que logo lhe orienta sobre a vida brasileira.

Sendo um homem de poucas posses, quando chegou ao Brasil teve uma possibilidade de mudar de vida. Em suas palavras: “não era essa a minha intenção, mas o sentimento que se apossou da injustiça da vida, da fraqueza das bases que se alicerça a sociedade e o espetáculo da comédia que é administração do Brasil, levaram-me a procurar a vida de modo menos afanoso e com emprego de menos esforço”².

Em conversa com o interprete, Bogoloff é orientado a tirar proveito da exótica formação em línguas orientais conquistada, e não valorizada, em sua terra natal. Além disso, foi instruído a se beneficiar das suas características físicas: “doutor, louro e estrangeiro”.

Nesse sentido, Bogoloff foi encaminhado por um capanga político para que conversasse com o senador Sofônias, Diretor da Política Nacional, para que conseguisse um emprego para ele nas belas artes. Diante dessa indicação Bogoloff ficou admirado ao perceber como um simples capanga político tem prestígio perante uma autoridade política ao ponto de indicar uma pessoa a fim de conseguir um emprego.

Entretanto, o senador já havia indicado muitas pessoas para esse setor, assim o encaminhou para que fosse falar com o Ministro da agricultura Xandu. Foi nesse momento que o Dr. Bogoloff explanou a sua teoria, para todos absurda, mais abraçada pelo político. Ela consistia no seguinte: criar animais modificados geneticamente para que no momento do abate tivessem seu tamanho duplicado e não se encontrassem quaisquer vestígios de ossos em sua formação. O milagre seria operado por meio da alimentação. Ele incluía até mesmo o criatório de peixe a seco. Após essa exposição para o ministro da agricultura, Bogoloff foi no dia posterior nomeado Diretor da Pecuária Nacional.

².[HTTP://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/lima-barreto/aventuras-do-bogoloff](http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/lima-barreto/aventuras-do-bogoloff). Acesso: 28/08/2009

Através da análise do diálogo entre o Dr. Bogoloff e o Xandu pode-se constatar críticas efetuadas por Lima Barreto ao momento histórico que ele testemunhou. A primeira refere-se à ignorância intelectual dos políticos brasileiros que para Barreto justificava a valorização exagerada dos estrangeiros e conseqüentemente das teorias científicas dos mesmos. Isso fica evidente nos trechos a seguir: “Não sabe o doutor como me causa admiração o arrojo de suas idéias. São originais e engenhosas e o que tizna um pouco essa minha admiração, é que elas não partam de um nacional. Não sei meu caro doutor como é que nos não temos esses arrojos (...)”³.

As referências às teorias racistas que viam no clima tropical o motivo para o não desenvolvimento do Brasil aparecem na sátira de Barreto ao ressaltar o diálogo do poderoso ministro da agricultura com Bolgoloff:

“O que nos falta é o frio. Ah! A sua Rússia! Eu se quero ser sempre ativo, tomo todo dia um Banho de frio. Sabe como? Tenho em casa uma cama frigorífica, 8 graus abaixo de zero, onde me meto todos os dias todas as manhãs. Precisamos de atividade mas só frio pode nos dar. Penso em instalar grandes câmaras frigorífica nas escolas, para dar atividades aos nossos rapazes. O frio é elemento essencial às civilizações.”⁴

Apesar do grau de ficção presente na crônica e da ironia destilada por Barreto em relação ao método surrealista do Dr. Bogoloff e a aceitação do ministro da agricultura Xandu, ao fazermos uma analogia ao quadro nacional da Primeira República percebem-se a confiança exagerada dos intelectuais e políticos na ciência como vetor essencial em direção ao progresso. Nesse sentido, a ficção não está muito distante da realidade, ou melhor, dizendo, a

³ [HTTP://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/lima-barreto/aventuras-do-bogoloff](http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/lima-barreto/aventuras-do-bogoloff). acesso: 28/08/2009

⁴ [HTTP://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/lima-barreto/aventuras-do-bogoloff](http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/lima-barreto/aventuras-do-bogoloff). acesso: 28/08/2009

ficção é uma denúncia bem humorada da realidade política e intelectual da época.

Diante de tal análise, é importante ressaltar que apesar do texto literário ter um caráter ficcional ele apresenta-se “preso” ao seu tempo, ou seja, a uma realidade. É nesse sentido que o pesquisador André Luiz Vieira Campos ressalta:

“(…). Todo produtor de literatura está condicionado na sua criação pelas limitações da sua cultura e de sua época. A começar pela própria linguagem – código estabelecido –, passando pelos temas, valores e normas, o escritor, mesmo quando expressa desejos imaginários, é um homem de seu tempo e de sua sociedade. É a partir daí que ele fala” (Campos, 1986, p. XIV – XV)⁵.

A fim de relacionar a crônica de Lima Barreto ao seu contexto histórico faz-se necessário uma breve exposição do quadro nacional analisado por Nísia Trindade Lima em seu livro “UM Sertão Chamado Brasil”. Nele a autora evidencia que os primeiros anos da República foram marcados por crises sociais, corrupção e enriquecimento rápido dos políticos. Todo esse quadro negativo gerou uma insatisfação de alguns intelectuais, pois se sentiam traídos por essa república que para os mesmos não foi fiel ao ideário do progresso. Assim, através de suas atividades tentavam colocar o país nos trilhos do progresso por meio de políticas que visavam integrar o litoral e o sertão. Esses intelectuais davam as suas obras um caráter missionário, ou seja, tentava estabelecer nas mesmas uma teoria para compreender e modificar a sociedade brasileira. Sendo assim, os primeiros anos da República foram palco de um expressivo movimento de valorização do sertão seja enquanto espaço a ser incorporado do esforço civilizatório das elites políticas, seja como referência de autenticidade nacional.

Entretanto, essa busca pela autenticidade brasileira foi regradada por teorias estrangeiras que não correspondiam às especificidades do Brasil. O movimento missionário fortemente associado à expansão da presença do Estado encontrou como atores sociais agentes informados pelo cientificismo. Nestes termos, os discursos higienistas das lideranças do movimento pelo

⁵ CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A república do picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo. Martins Fontes, 1986.

saneamento rural e a tentativa de uma interpretação da sociedade estabeleceu importantes debates, tais como: raça e natureza; clima, raça, doença; exuberância da natureza e fragilidade do homem interiorano diante da natureza tropical.

Enfim, os intelectuais dos primeiros anos da República viam o sertão como valor moral e essência da nacionalidade brasileira. Estabeleceram assim através do contato com as políticas sanitárias a imagem do homem interiorano como um caboclo anêmico, doente, indolente, preguiçoso (famoso Jeca Tatu de Monteiro Lobato). Mas capaz de regenerar-se com auxílio da ciência.

Na contramão dessa elite intelectual, Lima Barreto denunciava os males da sociedade e o oportunismo e racismo das teorias vigentes à época. Sua única arma: a escrita engajada. No livro “Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República” Nicolau Sevcenko faz uma analogia entre os posicionamentos de Euclides da Cunha e Lima Barreto, ao afirmar que: “(...) em qualquer um de seus textos, Lima não perde a oportunidade de denunciar o grau desmoralizante de corrupção política e econômica que empestava o regime. (...)” (Sevcenko, 1995, p.169).

Em suma, através da análise dessa crônica podemos encontrar valiosos vestígios sobre o contexto histórico vivenciado pelo literato. Bem como o seu posicionamento político-intelectual em relação aos problemas existentes na sociedade brasileira da época. Embora a construção literária seja carregada de elementos ficcionais não deixa de ser um importante testemunho histórico. Nesse sentido, cabe refletir sobre sua relação com a perspectiva da história, sobre isso Chalhoub posiciona-se da seguinte forma: “(...). Qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada - isto é, situada no processo histórico -, logo apresenta propriedades específicas e precisa ser interrogada. (...)” (Chalhoub, 1998. p. 7).⁶

⁶ CHALHOUB, Sidney. **A HISTÓRIA CONTADA: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1998.

REFERÊNCIAS

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro. Revan: IUPERRJ, UCAM, 1999.

CHALHOUB, Sidney. **A HISTÓRIA CONTADA: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1998.

[HTTP://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/lima-barreto/aventuras-do-bogoloff](http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/lima-barreto/aventuras-do-bogoloff).

acesso: 28/08/2009

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.